

FOLHA DE S.PAULO



OPINIÃO

MARCOS DA VEIGA PEREIRA

Leitura como ato de resistência

Antídoto para a distopia que desponta como ameaça



Leitoras compram livros pela internet e participam de clubes de leitura - Ronny Santos - 01.fev.2019/Folhapress

6.jun.2019 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/06/06/>)

Marcos da Veiga Pereira

Nas manifestações de rua contra o contingenciamento de verbas na educação promovido pelo governo federal, uma palavra de ordem merece a atenção dos brasileiros: "Mais livros, menos armas". A inspiração vem de uma frase da paquistanesa Malala (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/malala-volta-ao-paquistao-seis-anos-apos-ser-alvo-de-ataque-do-taleban.shtml>) Yousafzai (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/malala-volta-ao-paquistao-seis-anos-apos-ser-alvo-de-ataque-do-taleban.shtml>), a jovem prêmio Nobel da Paz (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/10/1530284-paquistanesa-malala-yousafzay-e-indiano-kailash-satyarthi-dividem-premio-nobel-da-paz.shtml>) que inspirou o mundo ao arriscar a vida e se rebelar contra a proibição de estudar, imposta por fundamentalistas islâmicos.

O Brasil é um dos países mais promissores do mundo, em função de suas dimensões, da natureza diversa e do potencial criativo de seu povo. Enquanto nações desenvolvidas desdobram-se para investir na educação como diferencial competitivo, nosso país trilha um caminho perigoso que pode, em sentido inverso, agravar a violência e a desigualdade.

Que nação estamos construindo ao deixar em segundo plano o debate sobre educação e cultura para colocar no centro das atenções a ampliação do direito ao porte de armas (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/em-resposta-ao-stf-bolsonaro-defende-legalidade-de-decreto-que-ampliou-porte-de-armas.shtml>)? Para qual horizonte olhamos ao abrir clubes de tiro a jovens enquanto cortamos investimentos em educação, em pesquisa e em cultura (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/corte-e-maior-do-que-30-do-orcamento-livre-em-mais-da-metade-das-federais.shtml>)?

Será um imenso desperdício deixar que a discussão sobre as prioridades nacionais seja balizada pelo viés ideológico. Não se trata de ser de esquerda ou de direita. Este campo é minado, e nele ninguém vence guerra alguma — pelo menos não a batalha que precisamos ganhar para que o Brasil entre no time das nações com esperança e futuro.

Além de retomar um debate construtivo sobre a educação, precisamos resistir. E não só através do protesto nas ruas e na rotina combativa das redes sociais. Estes são mecanismos legítimos de pressão, fundamentais para dar dimensão a causas públicas. Mas a resistência precisa ser permanente,

incorporada ao dia a dia do cidadão que quer transformar o país.

A melhor forma de resistir, hoje, é por meio da leitura. Simplesmente ler. Vamos ouvir o recado revolucionário da jovem paquistanesa e esparramar livros como obstáculos aos caminhos do fundamentalismo e das tiranias. Vamos tirar a poeira das nossas bibliotecas, revisitar os clássicos, separar livros para doar, frequentar livrarias, baixar aplicativos de leitura, dar livros de presente, ler histórias para nossas crianças. São pequenas e cotidianas ações, mas imbuídas do imenso propósito de não aceitar o atraso. Para cada ataque à educação, é preciso dobrar a aposta em livros.

A leitura pode ser o antídoto para a distopia que desponta como ameaça no horizonte da sociedade brasileira. É preciso ler os autores de que gostamos e também aqueles com os quais não temos lá tanta afinidade, mas que nos desafiam pelo prazer de reconhecer a boa escrita. Ler é, acima de tudo e a cada dia mais, um ato de coragem e de construção. Conquistados pela leitura, abriremos a mente e o caminho para pensar no que é diferente, no que é melhor do que nós mesmos, no que é verdadeiramente disruptivo e inovador.

Sabemos que abrir um livro hoje, muitas vezes, parece mais difícil do que era para os nossos pais. Nossos cérebros se viciaram em estímulos eletrônicos, fracionados e efêmeros. A modernidade, que trouxe tantas conquistas e opções, nos afastou dos livros e do imperecível. Mas é preciso resistir. É preciso ler.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/06/leitura-como-ato-de-resistencia.shtml>